

UMA VISITA AO MANUSCRITO DO ROMANCE MEMORIAL DE AIRES

A VISIT TO THE MANUSCRIPT OF THE ROMANCE MEMORIAL DE AIRES

Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima*



Resumo: Este presente texto traz aspectos descritos em estudo crítico-genético do manuscrito do romance **Memorial de Aires**, de Machado de Assis, que foi publicado em 1908. Entre estes aspectos notados, encontramos fartas substituições e exclusões de palavras e de trechos que exemplificam o processo de criação do romance até a versão que se tornou pública, entre os quais nos chamam a atenção a mudança de nomes das personagens femininas, em especial D. Carmo e Fidelia.

Palavras-chave: Machado de Assis; Memorial de Aires; Crítica Genética.

Abstract: This text described aspects of the critical-genetic study of the manuscript of the novel **Memorial de Aires**, by Machado de Assis, which was published in 1908. Among these aspects noted, we find numerous substitutions and deletions of words and excerpts that exemplify the process of creation of the novel until the version that became public, among which the change of names of the female characters stands out, especially D. Carmo and Fidelia.

Keywords: Machado de Assis; Memorial de Aires; Genetic Criticism.

Recebido: 30/11/2023. Aprovado: 04/12/2023. Publicado: 30/12/2023.

1 A publicação do romance e a leitura das provas editoriais

O romance **Memorial de Aires** foi editado na França, a partir da devolução das provas tipográficas pelo autor Machado de Assis em dezembro de 1907, e foi distribuído no Brasil pela editora Garnier em julho de 1908, tendo em vista as correspondências trocadas com o autor, entre as quais se destaca a de 16 de julho de 1908, em que Mário de Alencar diz: “Estive no Garnier, e pedi notícias do *Memorial*. Tinha esperança de encontrá-lo e projetava ir com um exemplar levar-lhe a boa nova. Jacinto me disse que a demora é só da alfândega” (ASSIS, 2019, p. 361, grifo do autor). Em outra carta, consecutivamente, Machado de Assis responde: “Obrigado pelas notícias. A demora da Alfândega é a mesma causa que o Lansac me dá há muitos dias; melhor é não insistir no caso” (ASSIS, 2019, p. 363).

Já não demorava muito, em 18 de julho de 1908, José Veríssimo teria lido o mais novo romance de Machado de Assis:

* Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: fabianapatueli@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4439-514X>.

Acabo de ler (São onze horas da manhã) o seu *Memorial de Aires*, que ontem trouxe do Garnier. Como talvez lhe dissesse Mário, eu tencionava ir hoje, já que não me foi possível ir ontem mesmo, dar-lhe o meu abraço de cumprimentos pela aparição do seu novo livro. Mas um resfriado que me atacou muito à minha miserável garganta não me deixa ter essa satisfação. Aceite, porém, nesta aquele abraço, que é, de todo o coração, de admiração e de amor (ASSIS, 2019, p. 364, grifos do autor).

Assim, estimamos que o manuscrito que está disponível na Academia Brasileira de Letras (ABL)¹, para consulta, tenha sido elaborado efetivamente no ano anterior à publicação do romance, ou seja em 1907. Tal fato também pode ser corroborado com a leitura da correspondência de Joaquim Nabuco, de 07 de fevereiro de 1907: “Não sei se terei tempo de dar forma e termo ao livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último. As forças compreenderão o conselho, e acabarão de morrer caladas” (ASSIS, 2019, p. 161), assim como pelo testemunho sobre a leitura das provas tipográficas, que foi realizada ainda em dezembro de 1907, por seu amigo Mário de Alencar:

Disse-lhe hoje [16/12/1907] as minhas impressões da leitura do *Memorial de Aires*, mas receio não as ter dito bem e em ordem, e volto a ideia anterior de as exprimir por escrito.

Em primeiro lugar a emoção de prazer e de orgulho de ter em mãos, sob os meus olhos, com o seu consentimento, mas do que isso, por espontâneo oferecimento seu, o exemplar em provas de um romance não conhecido nem lido de ninguém [...] eu sabia é que antes de todos, mais do que todos, eu experimentava o gozo de ler um livro seu, inédito e novo.

Sabe já que o li no domingo e o reli segunda-feira e hoje, faltando-me apenas a última folha que não acabei por ter sido interrompido na leitura, e não querer demorar a devolução das provas.

[...]

O *Memorial de Aires* tem, além dos outros méritos próprios do autor, a originalidade da forma do romance [...] (ASSIS, 2019, p. 267-269, grifos do autor).

Contudo, podemos interpretar que Machado de Assis tenha falado sobre o projeto que viria ser o romance *Memorial de Aires* em carta a Oliveira Lima, de 05 de fevereiro de 1906:

Eu nada tenho. Reuni alguns retalhos inéditos e impressos, que o Garnier faz sair em volume [Relíquia de casa velha], e é tudo. **Tinha um livro em projeto e início, mas não vou adiante. Sinto-me cansado, estou enfermo, e falta-me o gosto**” (ASSIS, 2019, p. 88, negrito nosso).

Mesmo com o desânimo do autor acerca do novo projeto de escrita, Oliveira Lima o encorajou a prosseguir na sua resposta de 13 de abril de 1906:

¹ Disponível em: <http://servbib.academia.org.br:8084/arquivo/index.html>. Acesso em: 26 nov. 2023.

Espero que o seu livro em **projeto e início vá adiante**. Diz-me que o gosto lhe falta. Compreendo, mas o trabalho literário, que foi a paixão de sua vida, a fará menos solitária e mais vivida. **Desejaria vê-lo terminar esse novo livro**. Diz-me ainda que o não esqueça (ASSIS, 2019, p. 101, negrito nosso).

Assim, já conhecido o curto período estimado entre a escritura e a publicação do romance, faz-se necessário conhecer os aspectos materiais do manuscrito que foi preservado e que possibilitou a posterior apreciação do seu processo de escritura.

2 Os aspectos materiais do manuscrito

O manuscrito de **Memorial de Aires** foi encadernado em dois volumes (6 fólios não numerados e fólios 2 a 200; fólios 201 a 468), tendo em vista as informações da edição crítica do romance de 1977 (ASSIS, p. 28). A sua disponibilização no *site* da ABL segue de fólios não numerados ao fólio de nº 468, perfazendo 466 imagens no total, isto porque não foram disponibilizadas oito fólios do manuscrito (5, 7, 132, 254, 304, 376, 406, 416).

Os fólios foram numerados por algarismos romanos e cardinais, cujas notações possuem revisões, além de acréscimo de letras (ex.: 8 e 8-a; 9 e 9-a) sugerindo reescritura do romance e de reestruturação de suas partes (ex. de fólios numerados com o intervalo numérico “125-127”).

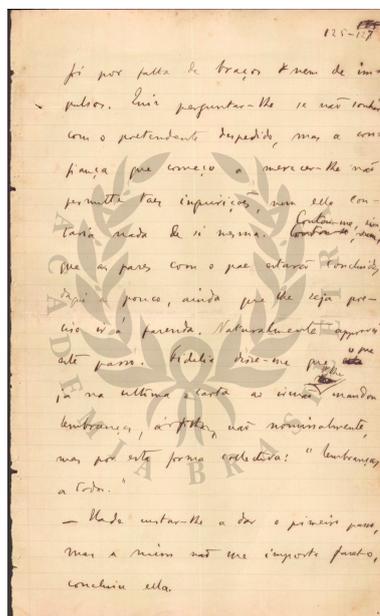


Figura 1: Exemplo de numeração e da marca d'água da ABL no ms. **Memorial de Aires**

O romance foi escrito à mão no anverso de cada fólio de papel almaço pautados com linha na cor cinza e azulada, alternando frequentemente a escrita entre as linhas disponíveis

em cada folha. A folha de papel almaço mede aproximadamente 32,3 x 21,8 cm, conforme a edição crítica do romance (ASSIS, 1977, p. 28).

Acerca das dimensões e conservação do manuscrito, é possível notar emendas de folhas diferentes e marcas de dobraduras na parte inferior dos fólhos. Acerca do papel, a pesquisadora Ana Cláudia Suriani da Silva confirma que os materiais utilizados pelo autor para os seus manuscritos seriam de, pelo menos, dois tipos: “[...] já que alguns fólhos são mais espessos e possuem marcas d'água, como a do fólho 41 de Memorial de Ayres” (2019, p. 133).² Sobre este aspecto, José Galante de Sousa já tinha observado que: “Há acréscimos em fôlhas de papel, da mesma qualidade, coladas à extremidade inferior” (1955, p. 177).

De maneira geral os fólhos estão em boas condições de leitura, mesmo que apresentem marcas de fita adesiva, abrasões, amarelecimento decorrente do tempo e esmaecimento da cor da tinta preta utilizada na escritura do romance.

3 As rasuras de nomes de personagens femininas e sua repercussão

O manuscrito do romance **Memorial de Aires** traz diferentes trechos importantes para o estudo de labor autoral e de composição artística, já que contém testemunhos de suas revisões finais quando comparado com a sua versão pública (ASSIS, 1882). E dentre essas revisões encontramos, com frequência, substituições dos nomes das personagens femininas em diferentes etapas de composição do romance, especialmente, ao que se refere às conhecidas personagens nomeadas por Fidelia e D. Carmo.

Tabela 1 - Substituições de denominações de e para personagens femininos encontradas no ms. de <i>Memorial de Aires</i>				
1º redação	2º revisão	3º revisão	4º revisão	nº do(s) fólho(s)
Carmo	(D.) Fidelia	-	-	40, 107, 113, 227-228, 236, 240, 243-245, 251, 257-259, 267-268, 271, 276, 280, 282, 284, 288-289, 293-294, 296, 299, 307, 312, 315, 318, 320-321, 323-324, 330, 333, 336, 341, 346, 353-354, 356-357, 360, 371, 378, 372, 382, 384, 387, 393, 392

² Vide Figura 1, com exemplo semelhante da marca d'água da ABL.

Tabela 1 - Substituições de denominações de e para personagens femininos encontradas no ms. de <i>Memorial de Aires</i>				
1º redação	2º revisão	3º revisão	4º revisão	nº do(s) fólio(s)
Carmo	moça	-	-	361
Carmo	viúva	-	-	108, 236, 293, 329
Carmo	a viúva	a moça	-	344
Carmo	Carmo	Fidelia	-	281
D. Carmo	Fidelia	D. Carmo	-	19
Carmelita	Fidelia	Carmo	-	217
D. Carmela	Fidelia	-	-	79
D. Carmelita	Fidelia	a moça	-	44
D. Carmelita	Fidelia	D. Carmo	-	27, 30, 33, 44-45, 50-51, 53-57, 70, 116, 133, 139, 143, 144, 156, 214
D. Carmelita	a velha	D. Fidelia	D. Carmo	137, 186
Carmita	Dédé	-	-	354
(D.) Eulália	(D.) Cesária	-	-	160, 161, 198, 200, 257, 287, 309, 314, 335, 367, 368, 402, 411-413
D. Fausta	(termo excluído)	-	-	420
(D.) Fidelia	(D.) Carmo	-	-	40, 80, 133, 227, 241- 242, 243, 245, 248-249, 256, 258, 264-265, 268, 276, 280-282, 284-285, 294-295, 307, 318, 324- 325, 328-330, 346-349, 351, 352, 353, 355, 359, 373, 378-379, 383-384
Fidelia	a viúva	-	-	100, 116, 145
Fidelia	Fidelia	-	-	155, 297
Fidelia	Carmo	Fidelia	-	30, 32-33, 64-65, 67-68, 70, 73, 77-78, 82, 85-86, 116, 130, 137, 161, 158, 176, 187, 191 198, 199, 208, 210, 214
Fidelia	bela Carmo	Fidelia	-	75
Fidelia	Carmelita	Carmo	Fidelia	17
Fidelia	Fide	Carmo	Fidelia	215
D. Fidelia	D. Carmelita	D. Carmo	-	143
(viúva) Fenrir	(viúva) Noronha	-	-	74
Moça	viúva	-	-	70

Tabela 1 - Substituições de denominações de e para personagens femininos encontradas no ms. de <i>Memorial de Aires</i>				
1º redação	2º revisão	3º revisão	4º revisão	nº do(s) fólio(s)
Moça	Fidelia	viúva	-	122
os dous	Tristão e Fidelia	-	-	372
velha Carmo	Fidelia	-	-	355

No quadro acima, podemos notar inúmeras revisões sobre os nomes de “D. Carmo” e “Fidelia”, e vice-versa, bem como acerca de suas adjetivações e variações (ex.: “viúva”, “velha”, “D. Carmelita”, “Carmita”, “Dédé” e “Fenrir”, sendo que estas quatro últimas denominações foram excluídas definitivamente nas etapas de revisão do romance e provavelmente na correção das provas tipográficas, como aconteceu com o apelido “Dédé” em referência à personagem de Fidelia que não foi publicada na versão impressa.

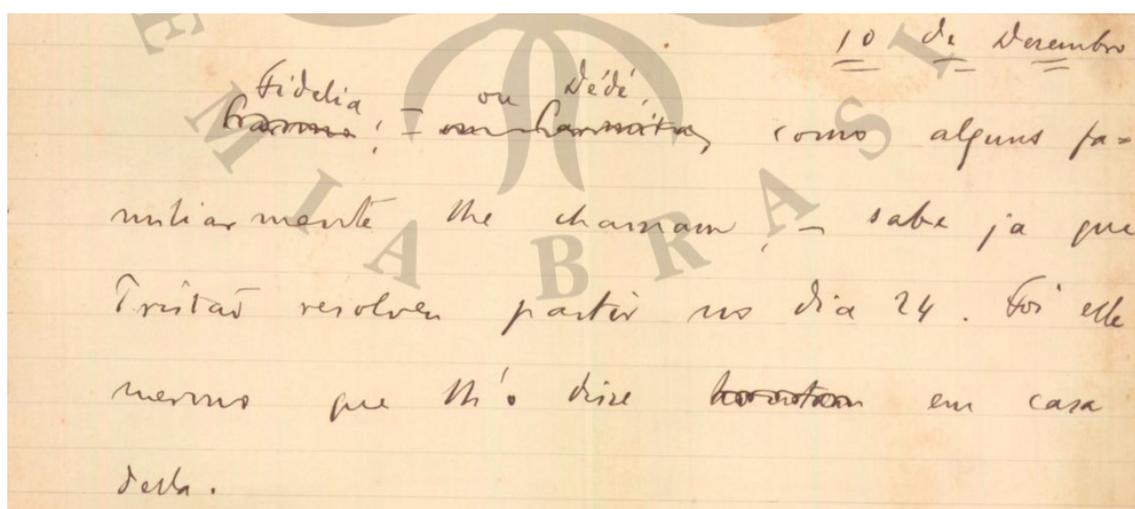


Figura 2: Exemplo de revisão de nomes das personagens no fólio 354 do ms. de **Memorial de Aires**.

Estas inúmeras substituições de nomes entre as respectivas personagens demonstra o ajuste que foi se dando entre os nomes e as dinâmicas das personagens, o que muito contribuiu para as conexões formuladas acerca dessas duas personagens na recepção crítica do romance após sua publicação.

Por exemplo, no recorte abaixo, percebe-se que há revisão de nomes para a personagem que seria mais velha, passando originalmente de “D. Carmelita” para “A velha Fidelia” e, finalmente, para “D. Carmo”.

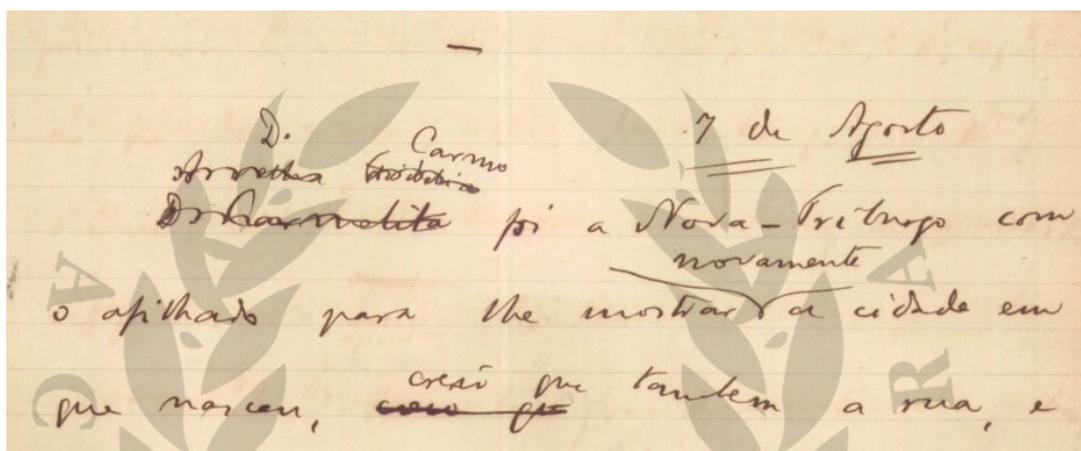


Figura 3: Exemplo de revisão de nomes das personagens no fôlio 186 do ms. de **Memorial de Aires**.

Já, no trecho abaixo do manuscrito, vemos o autor titubear entre “Fidelia”, “bela Carmo” e, finalmente, “Fidelia” para a nomeação da personagem mais jovem no romance, demonstrando que o autor ainda hesitava acerca da nomeação de uma e outra personagem.

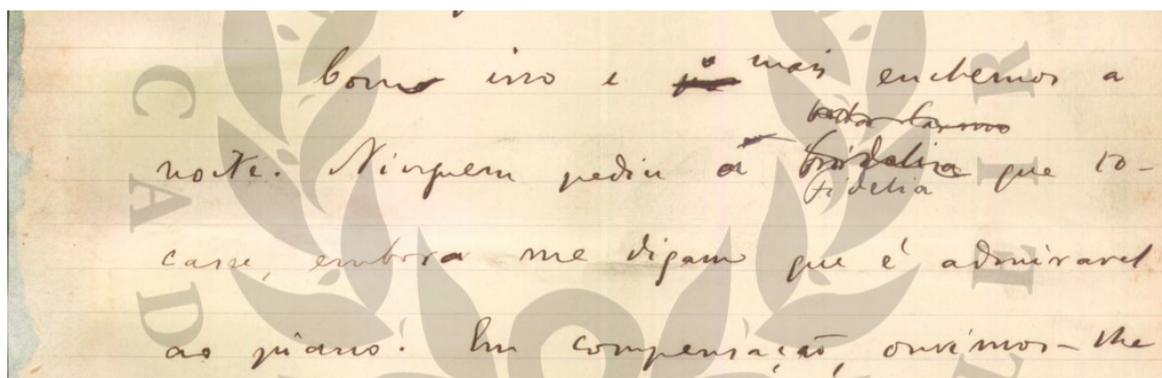


Figura 4: Exemplo de revisão de nomes das personagens no fôlio 75 do ms. de **Memorial de Aires**.

Entre as etapas de revisão dos nomes “Fidelia” e “D. Carmo”, há um trecho do romance no fôlio 371, que se destaca pelo lapso de revisão, que não saiu na versão pública, pois provavelmente foi corrigido nas provas tipográficas: “[...] Também lá esteve Fidelia, e fez o seu brinde de filha à boa Carmo, tudo correu na melhor harmonia [...]” (ASSIS, 1908, p. 216; 1977, p. 188).

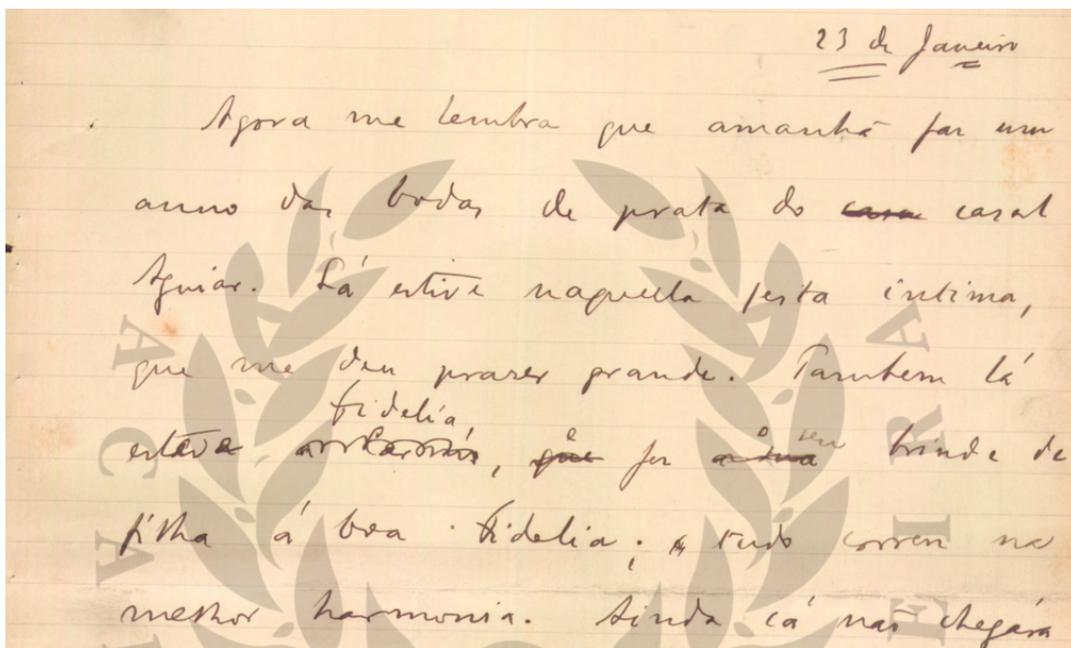


Figura 5: Exemplo de lapso revisão de nomes das personagens no fólio 371 do ms. de **Memorial de Aires**.

Mas, isso não é tudo, outros nomes femininos também foram revisados ao longo do processo de escrita. Observa-se, por exemplo, o nome “D. Fausta” que foi excluído no fólio 420, o mesmo teria sido cogitado para nomear a mãe de Tristão, que se passou a ser referida como “Luíza Guimarães” no romance.

O nome “D. Eulália” ao longo das revisões autorais foi substituído integralmente por “D. Cesária”, sendo que ambos os nomes já tinham sido fornecidos a outras personagens machadianas. “Eulália”, caracterizada sempre como moça e bonita por Machado de Assis, foi o nome escolhido para personagens no conto “D. Benedita”, de **Papéis avulsos** (1882), e nos romances **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (1881) e em **Iaiá Garcia** (1878). E “D. Cesária” foi nome de personagens em “O Diplomático”, de **Várias histórias** (1896), e em **Memorial de Aires** (1908), nos quais ambas participam de reuniões sociais em circunstâncias de jogos, sendo a primeira participante de jogos de prenda, em razão de festa de São João, enquanto que a outra, em jogo de cartas, em reunião na casa do corretor Miranda.

Em alguns casos extremos, verificamos a substituição de ações destinadas anteriormente aos personagens masculinos sendo substituídos por personagens femininas, como podemos verificar nas substituições dos seguintes nomes:

Tabela 2 - Substituições relacionados a nomes masculinos para femininos manuscrito de <i>Memorial de Aires</i>			
1º redação	2º revisão	3º revisão	nº do(s) fólio(s)
Tristão	Carmo	Fidélia	384
Miranda	Mana Rita	-	186

Já no exemplo de revisões de nomes no fólio 384 do manuscrito, confirmamos que o nome “Carmo” seria primeiramente destinado à personagem que faria par romântico com Tristão, que formava o casal mais jovem do livro, pois, no trecho revisto “Tristão” é riscado para posteriormente ser escrito na sequência, compondo o casal, para, mais tarde, em uma revisão propriamente de nomes, substituir-se “Carmo” por “Fidélia”:

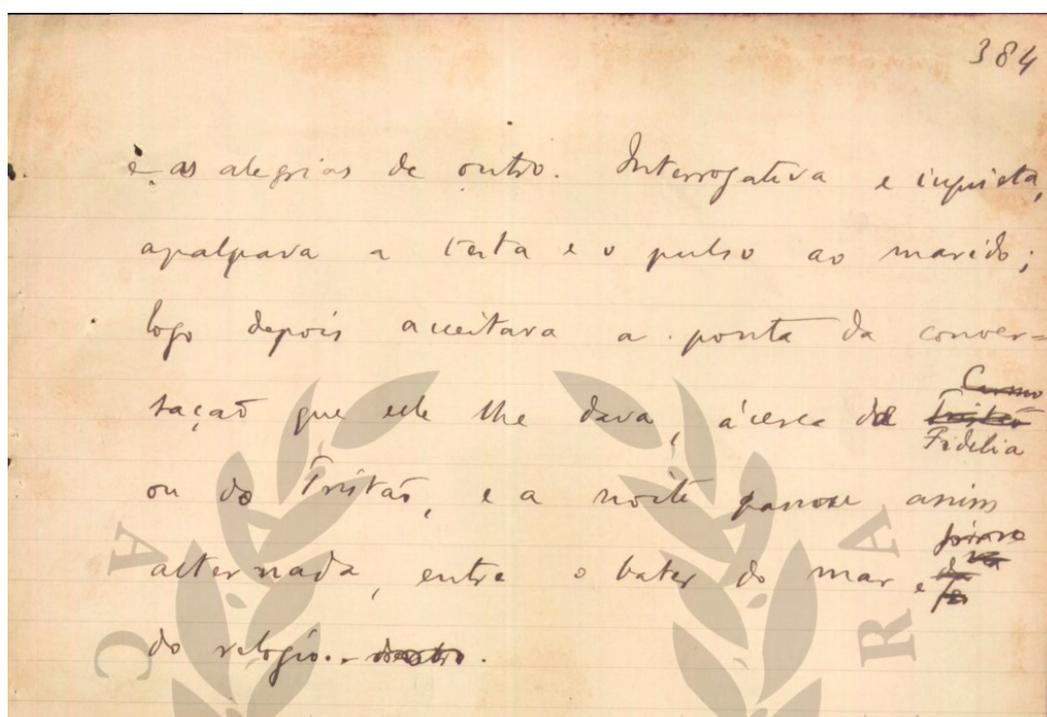


Figura 6: Exemplo de revisão de nomes no fólio 384 do ms. *Memorial de Aires*.

O nome da personagem D. Carmo, possivelmente, é uma homenagem à esposa de Machado de Assis, Carolina Augusta Xavier de Novaes, que faleceu em 20 de outubro de 1904. Tal homenagem repercutiu após a leitura do romance pelos próprios amigos do autor que não só reconheceram a homenagem, assim como no nome, um certo paralelo com a esposa do escritor.

Mário de Alencar, preliminarmente, já tinha percebido na personagem de D. Carmo uma semelhança com Carolina, o que pode ser lido em outro trecho da carta de 16 de dezembro de 1907:

[...] e querendo qualificar o *Memorial de Aires*, os adjetivos que achei ajustados foram estes: delicioso, fino, superior, perfeito [...] que é efeito da colaboração de um sentimento novo, o mesmo que fez o soneto *A Carolina* e que nestas páginas traçou aquela figura verdadeira e sagrada de Dona Carmo. O mundo poderá admirá-la e há de admirá-la como criação de arte; eu, que adivinhei o modelo, li-o comovido, cheio do respeito pela doce evocação [...]

Os outros tipos todos são admiráveis desde a Mana Rita, Faria, o criado José Cesária, Aguiar, até Fidelia, até Dona Carmo, que não tem igual em outro livro (ASSIS, 2019, p. 267-269, grifos do autor).

Tal homenagem é também confirmada pelo próprio Machado de Assis em sua resposta a Mário de Alencar, em 22 de dezembro de 1907: “Foi também por isso que achou o modelo íntimo de uma das pessoas do livro, que eu busquei fazer completa sem designação particular, nem outra evidência que a da verdade humana” (ASSIS, 2019, p. 271).

O biógrafo machadiano Raimundo Magalhães Júnior explica o anagrama, reiterando a observação de Modesto de Abreu, em **Machado de Assis, funcionário público**: no império e na república: “[...] é a mesma a inicial em ambos nomes [Carolina e Carmo]. E que, no de D. Carmo, retirada a inicial, o que resta é um anagrama de “amor” (1958, p. 111).

A busca do autor pelos nomes que melhor representassem às figuras retratadas, no romance, que pudemos verificar, no exame do seu processo de escritura, é confirmada pelos depoimentos nas correspondências e na crítica, que acharam no **Memorial de Aires** a homenagem à Carolina e a outros tipos.

Acerca dos correlatos a outras reconhecidas figuras, destaca Salvador de Mendonça, em carta de 1º de setembro de 1908:

Da praia da Saudade a Retiro Saudoso, da Gávea à Tijuca, há muitos casais Aguiar, muita Fidelia e muito Tristão e mais de uma (sic) diplomata encostado, mas quem os ponha por obra, e obra imorredoura, digo-te até agora, só conheço certo morador do Cosme Velho (ASSIS, 2019, p. 425).

Mário de Alencar, sem dúvida um dos primeiros leitores do romance, na primeira crítica ao livro **Memorial de Aires**, de Machado, também comenta a função de outros personagens, no **Jornal do Commercio**, em 24 de julho de 1908:

Em *Memorial de Ayres* ainda aparecem figuras ao geito (sic) ou da família daquellas que o romancista creou e perpetuou nos seus outros livros. Cesária e o marido, os pais de Fidelia e Noronha, bastam para que Ayres não se espante de ainda entrar no mundo. Mas no romance aparece ainda o bom e o optimo, do character o coração humano, e é a novidade, a que me referi, da expressão moral deste livro. Não mudou nem diminuiu a observação do romanista: mudou apenas o seu ponto de vista, e ainda bem para a sua obra, que assim se completa admiravelmente como quadro humano, de qual não ha dizer que houve proposito de exclusão nem deficiencia de desenho. (p. 2, grifo do autor).³

³ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_09/15476. Acesso em: 26 nov. 2023.

E mesmo após um ano da publicação do romance e do falecimento do autor, ficaram ecoando, no imaginário, algumas das personagens do pretense diário do Conselheiro Aires, conforme a crítica ao romance que foi publicada em **O País**, na coluna “Três tiras”, em 1^a de outubro de 1909:

Quem não reconhece a segurança do psychologista na pintura dos caracteres desse casal Aguiar, da encantadora viúva Fidelity, de D. Carmo, do conselheiro Aires, da mana Rita, da malévola Cesaria e de tantos outros personagens do *Memorial*? Nós todos os conhecemos, mas ou menos; são nossos vizinhos, alguns; alguns são outros parentes; são, alguns, nossos amigos [...] Machado de Assis conservou em toda a sua copiosa produção, desde as suas primeiras composições, desde as referidas Americanas, publicadas em 1875, até esse amargo e irônico *Memorial de Aires*, onde foram derramadas, com infinita saudade, as ultimas palavras do escriptor, onde, pela ultima vez, a alma do artista e do pensador vibrou com aquella emoção inimitavel-F. V. (1 out. 1909, p. 3, grifos do autor).⁴

Fidelity, uma viúva jovem, é uma personagem cujo nome nos remete à ideia quase que imediata de fidelidade, a mesma que era questionada no romance por seus interlocutores. Um correlato interessante, tendo em vista o mistério que paira, no romance, acerca da manutenção da viuvez de tão jovem moça.

Considerações finais

Memorial de Aires foi o último romance de Machado de Assis, que faleceu em 29 de setembro de 1908, alguns meses depois da publicação do romance que sabemos ter sido distribuído no país a partir do dia 18 de julho de 1908, tendo em vista alguns atrasos na alfândega, e que, há muito tempo, o autor também se queixava da viuvez e das mazelas do corpo e da idade.

Alguns estudiosos e biógrafos machadianos encontram no **Memorial de Aires** aspectos que possam lembrar a cumplicidade do casal D. Carmo e Aguiar como sendo um reflexo do saudosismo que o próprio autor sustentou desde o falecimento de sua esposa.

Lúcia Miguel-Pereira, por exemplo, destaca que o casal Aguiar passava as horas entre si e se tornaram “uma só e única” (1936, p. 207-208), bem como os ciúmes que lhe tiravam o sossego. O lamento pela “orfandade às avessas”, o sofrimento de um e outro às intempéries do corpo até a conclusão final: ““Aguiar sem Carmo é nada’ disse depois Machado no Memorial de Aires, pensando em si e Carolina. E deve mesmo se ter sentido nada, sem essa companheira de tantos anos, esse outro eu mais alegre e sadio” (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 293).

⁴ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/20968. Acesso em: 26 nov. 2023.

E como vimos, em trechos da recepção crítica da obra e nas correspondências, que foi reconhecida de imediato a figura de Carolina refletida na singular personagem D. Carmo: “Com ‘a ternura velha’ da boa Carmo, Carolina partilhava de toda a vida de Machado” (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 288). O que torna mais emblemático o processo de escolha de nome desta personagem e que pudemos testemunhar a partir de um breve estudo crítico-genético do manuscrito do romance, embora o romance não se resume apenas a resíduos da memória melancólica do autor. Encontramos, também refletido nele, a sociedade temporalmente demarcada pelas seções em referência aos anos de 1888 e 1889, demonstrando os seus mecanismos simbólicos e as dinâmicas que lhes pulsava à época, tal como destaca Pedro Meira Monteiro:

Fidelia, filha de senhores de escravos do Vale do Paraíba, vive a proximidade da Abolição como uma libertação não apenas dos escravos, mas de si mesma. Ao liberar-se do peso do marido e do pai moribundo, torna-se possível um novo casamento, embora seu futuro não aponte para o Brasil. Ao contrário, é no além-mar, na distante Europa, que se guarda o futuro dos jovens esposos, Fidelia e Tristão (alusão, dessa vez, à ópera de Wagner, como demonstrou em detalhe John Gledson). No Brasil do conselheiro Aires restam apenas os velhos, imersos numa melancolia sem fim. Seu olhar se volta para as ruínas deixadas atrás, e não há futuro à vista, a despeito da República que se avizinha, como um limiar que ao mesmo tempo abre e fecha tempos e experiências passadas. (MONTEIRO, 2016, p. 235)

E não seria esta a alusão maior que poderíamos fazer ao romance: o casal mais velho assiste aos novos se constituírem e se organizarem com as novas feições do país, sacramentadas pela instauração da República, em 15 de novembro de 1889.

Referências

ASSIS, Machado. **Correspondências de Machado de Assis**: Tomo V (1905-1908). 2ª ed. Org. e comentada por Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Silvia Eleutério. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: ABL, 2019.

_____. **Memorial de Aires**. Rio de Janeiro: ABL, 1907. (Manuscrito digitalizado). Disponível em: <http://servbib.academia.org.br:8084/arquivo/index.html>. Acesso em: 26 nov. 2023.

_____. _____. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018570#page/1/mode/2up>. Acesso em: 2018-2023. (Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin)

_____. _____. 2. ed. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1977. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v.10)

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Machado de Assis** (Estudo crítico e biográfico). São Paulo: BPB; Companhia Editora Nacional, 1936. (5ª série Brasileira, v. 73)

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 24 jul. 1908, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_09/15476. Acesso em: 26 nov. 2023.

MONTEIRO, Pedro Meira. O outono da escrita. In: **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 35.02, jul. 2016, p. 227-239. Disponível em: http://novosestudos.com.br/wp-content/uploads/2017/09/12_PedroMeira_105_p226a239.pdf. Acesso: 26 nov. 2023.

O PAÍS. Rio de Janeiro, 1908, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/20968. Acesso em: 26 nov. 2023.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Vida e obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Esau e Jacob e Memorial de Ayres: manuscritos que viajam*. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo: v. 12, n. 26, p. 125-160, jan.-abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mael/v12n26/1983-6821-mael-12-26-125.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-6821201912268>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SOUSA, José Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: INL, 1955.

